

Por vontade expressa do autor e dos colaboradores, à excepção do texto de Francisco Seixas da Costa, a presente edição não segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2017, Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *Olhar o Mundo – Um livro fundamental para entender um mundo cada vez mais complexo*
Autor: António Mateus
Colaboração de: Ana Isabel Xavier, Felipe Pathé Duarte, Francisco Seixas da Costa, Luis Tomé, Teresa Anjinho e Tiago Moreira de Sá
Revisão: Sérgio Fernandes
Paginação: Maria João Gomes
Fotografias do interior e badana da capa: arquivo pessoal do autor
Capa: Ideias com Peso / Marcador Editora
Fotografias de capa: António Guterres Ref. 20161115_zaf_l94_101 (RM)
– créditos autorais: Zuma Press/Fotobanco.pt; Angela Merkel Ref. 90281700 (RM); Kim Jong-un Ref. 36520346 (RM); Papa Francisco Ref. 53037403(RM); Vladimir Putin Ref. 84104524_ (RM); Xí Jìnpíng Ref. 86584551_ (RM) – créditos autorais: Picture Alliance/Fotobanco.pt; Donald Trump Ref. hnarf6 (RM) – créditos autorais: Alamy/Fotobanco.pt; Recep Tayyip Erdoğan Ref. SZ-Photo-p-00922522 (RM)
– créditos autorais: SZ Photos/ Fotobanco.pt
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-321-0
Depósito legal: 426 426/17

1.^a edição: Junho de 2017

ÍNDICE

INTRODUÇÃO: Olhar o livro	9
SABER ESCUTAR	13
Noam Chomsky	15
A urgência da solidariedade	17
Tariq Ramadan	27
Papa Francisco pode «dar lições» de humanismo aos muçulmanos ..	29
Prem Rawat	41
Democracias assistem à instalação da «cultura do medo»	43
Joseph Weiler	55
Europa falhou os dois grandes testes de solidariedade	57
Juan Carlos Monedero	63
Compramos ideias na política com a mesma atitude que temos numa qualquer loja	65
Huseyin Bagci	73
Refugiados são «grande fardo» para a economia turca	75
Prokopis Pavlopoulos	81
Nenhuma razão externa força o ilógico	83
Ahmed Kathrada	89
A humildade é assinatura dos gigantes	91

Daniel Innerarity	99
O filósofo que admite errar	101
James Steinberg	107
Amigo não é o inimigo do nosso inimigo	109
Sello Hatang	117
A força das palavras	119
Joaquim Chissano	123
O resgate da paz	125
Adriano Moreira	131
Ordem definida na Carta da ONU não está a ser cumprida	133
SOMA DOS OLHARES	143
Defesa: Ana Isabel Xavier	145
Cenários e tendências do século XXI	147
Terrorismo: Felipe Pathé Duarte	153
O futuro do DAESH no mundo ocidental	155
Diplomacia: Francisco Seixas da Costa	167
Diplomacia – os próximos 100 anos	169
Segurança: Luis Tomé	175
Ao Olhar o Mundo futuro	177
Direito Internacional: Teresa Anjinho	183
O direito internacional dos direitos humanos: <i>quo vadis?</i>	185
Factor EUA: Tiago Moreira de Sá	191
O Factor EUA	193
FIM, POR ENQUANTO... ..	199

SEGURANÇA,

por Luis Tomé



Doutor em Relações Internacionais pela Universidade de Coimbra, mestre em Estratégia pelo ISCSP da Universidade Técnica de Lisboa, e licenciado em Relações Internacionais pela Universidade Autónoma de Lisboa (UAL).

Professor Associado na UAL, onde também coordena o doutoramento em Relações Internacionais: Geopolítica e Geoeconomia e o centro de investigação OBSERVARE – Observatório de Relações Exteriores.

Professor convidado do Instituto da Defesa Nacional (IDN), do Instituto Universitário Militar (IUM) e do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI) e *Visiting Professor* de *La Sapienza Università di Roma*, em Itália, e da *Middle East Technical University* (METU), em Ancara, Turquia.

Desde Novembro de 2015, é adjunto/técnico especialista para as relações internacionais e o combate ao terrorismo no gabinete da ministra da Administração Interna.

Foi investigador da NATO-EAPC (1998-2000) e assessor do vice-presidente do Parlamento Europeu, Dr. José Pacheco Pereira (1999-2004).

É autor e co-autor de mais de uma dezena de livros e de inúmeros ensaios e artigos publicados nas revistas da especialidade.

AO OLHAR O MUNDO FUTURO

O objectivo deste ensaio não é tentar prever a configuração do mundo futuro, mas sim mapear as tendências actuais e antever a evolução do mundo em matéria de poder (estrutura e pólos) e de segurança internacional (agenda e sistema). Essas tendências e as muitas variáveis são extraordinariamente ambivalentes e estão todas interligadas, afectando-se mutuamente, pelo que a evolução do mundo não está predeterminada e nunca será linear.

Poder

Os Estados Unidos continuam a ser a única superpotência (com primazia em praticamente todos os domínios de *hard power* e de *soft power*) e é muito provável que se mantenham isolados no topo da hierarquia das potências nos próximos anos. Porém, a supremacia dos EUA não é tão vincada como foi outrora nem configura uma autêntica hegemonia, devendo ser cada vez mais incompleta e mesmo disputada no futuro. Em particular, a ressurgente China destaca-se pela dimensão e pelo ritmo ascendente do seu «poder nacional abrangente», condicionando as percepções e as opções da generalidade dos outros actores e reunindo condições para poder ambicionar

subir ainda mais no *ranking* do poder mundial a médio/longo prazo. Paralelamente, há outros grandes pólos de poder, designadamente a Índia, o Japão, a Rússia, a União Europeia e a Comunidade dos dez países ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático), que, embora muito distintos nas respectivas naturezas e capacidades, são e deverão continuar a ser muito relevantes nos sistemas regionais e internacional. A estes soma-se uma constelação de outras potências – Arábia Saudita, Irão, Turquia, Israel, Reino Unido, Alemanha, França, Itália, Espanha, Canadá, Brasil, México, África do Sul, Coreia do Sul, Indonésia, Paquistão, Filipinas, Myanmar, Vietname, etc. – que continuarão a tentar ganhar «margem de manobra» no palco internacional e poderão ter uma relativa importância nos jogos de poder futuros.

Evidentemente, a evolução de todas estas potências e a sua posição na estrutura de poder mundial são incertas, podendo algumas delas declinar e outras nem sequer referidas ascenderem à categoria de «grande potência». Continuaremos, portanto, a assistir a uma redefinição das estruturas de poder e das balanças de poder, regionais e mundiais, com diversos cenários possíveis, desde a manutenção da actual estrutura híbrida uni-bi-multipolar a possibilidades diversas de hegemonia, bipolaridade e multipolaridade, sendo o desfecho, todavia, uma incógnita. Imprevisível é igualmente o padrão dos comportamentos e das interacções entre potências e o quadro dos futuros alinhamentos, cujas trajectórias tendem a permanecer voláteis.

Por outro lado, umas das características mais vincadas nos últimos anos é a concentração de poder económico, estratégico e político-diplomático na Ásia, novo centro de gravidade do poder mundial. Tendo em conta as projecções actuais, é muito provável que essa tendência perdure, pelo que das dinâmicas e evoluções na Ásia dependerão os destinos do mundo, seja nos melhores ou nos piores cenários. Com efeito, são tantos os factores e as variáveis que se entrecruzam na Ásia que as perspectivas variam desde as melhores expectativas de estabilidade e prosperidade à hipótese de o futuro da Ásia ser similar ao passado da Europa, isto é, o epicentro de grandes conflitos mundiais.

O poder não se confina, porém, às potências nem tão-pouco aos Estados. De facto, têm ganho relevância os actores não estatais que

decerto continuarão a proliferar e a desempenhar um papel essencial nas próximas décadas. Por exemplo, os conglomerados nos domínios da energia e do armamento, ou as grandes indústrias e empresas multinacionais nas áreas da internet, da saúde, da banca-finança ou da extracção mineira continuarão a capturar parte do poder e a exercer grande influência nos decisores políticos e na vida dos cidadãos. Outros *hubs* de poder crescentemente relevantes são as megacidades e/ou as grandes áreas metropolitanas, onde se continuarão a concentrar pessoas e recursos muito superiores aos existentes nos pequenos e médios Estados.

A procura de soluções colectivas para questões percebidas como comuns deverá intensificar quer os processos regionais de cooperação e de integração, quer as exigências de novos mecanismos de regulação/governança global, favorecendo as organizações regionais e internacionais enquanto actores proeminentes na política mundial. Todavia, daí poderão resultar novos dilemas, que surgem das tensões entre os poderes estatais e os poderes supranacionais, da mais ampla competição entre «blocos regionais» e ainda dos necessários reequilíbrios (disputa/complementaridade) entre as organizações de âmbito regional e as instituições de *membership* mais global.

Paralelamente, as limitações das organizações regionais/internacionais para acomodarem diferentes poderes e interesses deverão estimular o aparecimento de mais quadros multilaterais inspirados no modelo G20 e nas «coligações de vontade». Além disso, a conjugação de uma maior «consciência cívica universal» com a incapacidade de as organizações e os mecanismos de regulação internacionais encontrarem soluções satisfatórias para certas questões (crescimento económico, regulação financeira e do comércio, protecção ambiental, redistribuição da riqueza e combate à pobreza, alterações climáticas, promoção e defesa dos direitos humanos, escassez de recursos, movimentos migratórios, gestão de crises e conflitos) continuará a estimular a proliferação e o papel das organizações não governamentais e das redes transnacionais da sociedade civil.

Ou seja, o poder no mundo tenderá a ser cada vez mais difuso, o que por si só não é necessariamente bom nem mau – em última análise, tudo dependerá dos objectivos desses poderes e da forma como

forem exercidos. Importa acautelar, todavia, um risco latente e que pode agravar-se futuramente: o crescente hiato entre as preocupações e expectativas das pessoas e a capacidade de resposta dos governos e das instituições internacionais gerará contextos de oportunidade para certos poderes disruptivos, designadamente sob a forma de movimentos nacionalistas, populistas, extremistas e criminosos.

Segurança internacional

Entre os muitos problemas e desafios com que o mundo futuro se defrontará, a segurança persistirá certamente entre as prioridades da agenda internacional. Nas últimas décadas, a segurança internacional sofreu transformações profundas em todos os sentidos, ganhando saliência outros actores para além do Estado (quer enquanto promotores, quer como perturbadores da segurança), uma nova tipologia de conflitos (essencialmente, intraestatais), novos riscos e ameaças (designadamente de «dimensões não militares» como o terrorismo, a criminalidade organizada ou a cibersegurança), novos instrumentos (serviços de *intelligence*, organismos de cooperação policial, sistemas informáticos, instrumentos jurídicos e financeiros, ajuda ao desenvolvimento), novas referências de segurança (o indivíduo, os grupos intraestatais, a Humanidade ou o Planeta) e novas abordagens (designadamente as de segurança humana, segurança completa/*comprehensive security* e segurança multidimensional).

Destas mutações resultaram várias consequências principais: i) fim do Estado como única referência da segurança internacional e do quase exclusivo militar como instrumento de segurança internacional; ii) ampla expansão da agenda de segurança internacional; iii) erosão das tradicionais fronteiras entre as dimensões interna e externa da segurança; e iv) termo da «inviolável» soberania do Estado, conforme revelam o «direito de ingerência humanitária», o princípio «responsabilidade de proteger» ou a «legitimidade de intervenção antiterrorista».

Todas estas características e tendências deverão persistir no futuro, mas há sinais de que as prioridades da agenda de segurança internacional poderão sofrer uma nova metamorfose em certos cenários.

Sendo provável que o terrorismo, a segurança económica e energética, o falhanço de Estados e a criminalidade organizada permaneçam entre as maiores preocupações, determinados dilemas mais tradicionais, como as disputas territoriais, fronteiriças e de soberania, o controlo de *chock points* e estreitos ou rivalidades e mesmo conflitos entre grandes potências, poderão ganhar proeminência na agenda de segurança internacional. Em particular, o caso da Crimeia e o conflito persistente no Leste da Ucrânia opondo a Rússia aos EUA e aos países europeus da NATO-UE, as múltiplas e poderosas forças externas em confronto na Síria, a «guerra por procuração» no Iémen entre a Arábia Saudita e o Irão, as ambições oponentes sobre o Ártico e sobre os estreitos de Malaca, Suez e Ormuz, os *hotspots* Palestina, Caxemira, Taiwan e península Coreana, as disputas territoriais entre a China e a Índia e entre a China e o Japão, as reivindicações no mar da China Meridional e acerca dos arquipélagos das Paracel e das Spratly opondo a China a vários países do Sudeste Asiático ou as crises cíclicas em torno do programa nuclear norte-coreano representam um vasto conjunto de rastilhos existentes que podem rapidamente alterar a grelha de prioridades na agenda internacional.

E, num cenário igualmente negativo, não podemos ignorar a possibilidade de a conjugação perversa de certas variáveis (populismo, nacionalismos exacerbados, crise económica, instabilidade social, implosão desmedida da UE) conduzir a Europa a uma nova era de conflitualidade.

Por outro lado, se múltiplos e variados instrumentos deverão continuar a ser utilizados na promoção da segurança internacional e no combate a diferentes ameaças, parece claro que o instrumento militar não perderá importância futuramente, antes pelo contrário. Com efeito, o mundo e todas as regiões (com excepção da Europa) gastam mais em armamento actualmente do que antes de terminar a Guerra Fria, sendo que algumas regiões duplicaram ou triplicaram mesmo as despesas militares. Ou seja, a generalidade dos países e das potências considera as capacidades militares como instrumento decisivo para, se necessário, coagir ou resistir à coacção, pelo que a tendência de aumento dos orçamentos de defesa e das capacidades militares deverá persistir. O que significa que a «corrida aos armamentos» tenderá a

regressar ao léxico comum da segurança internacional, nomeadamente nas regiões do Médio Oriente e da Ásia-Pacífico.

Também no domínio da segurança a Ásia parece credora de particular atenção futura em virtude da quantidade e da gravidade dos muitos riscos, factores de insegurança e desafios. Há, no entanto, um outro espaço que ganhará certamente muito mais relevância e mesmo centralidade na agenda de segurança: o *ciber*. De facto, todos os indicadores e variáveis apontam no sentido de o ciberespaço se tornar num gigantesco e portentoso «teatro de operações» de segurança/insegurança, para onde convergem todos os actores e todas as dinâmicas criminosas, securitárias, activistas, cooperativas e competitivas.

Finalmente, o sistema de segurança internacional passou de claramente competitivo no período da Guerra Fria para o actual complexo de segurança onde coexistem sistemas de segurança competitiva, de segurança cooperativa, de segurança colectiva e até comunidades de segurança, sem que nenhum destes sistemas seja proeminente. Não é impossível que este complexo de segurança, ou sistema de sistemas de segurança, subsista no futuro, mas as variáveis actuais parecem indicar que nos encontramos num *turning point* e que no futuro se definirá se o sistema se torna autenticamente competitivo ou essencialmente cooperativo.

??

Os pontos de interrogação que titulam este trecho conclusivo sintetizam o que vemos quando espreitamos o mundo futuro nas áreas do poder e da segurança internacional: a incerteza é a única certeza. O mundo tornou-se crescentemente complexo nas últimas décadas e essa complexidade tende a aumentar futuramente. Para uns, mais complexo é sinónimo de mundo mais inseguro; para nós, significa apenas mais imprevisível e volátil. Para muitos, o mundo é hoje um espaço de caos e de insegurança, sem futuro; para nós, optimistas, vale a máxima de que ainda pode piorar, mas que está nas nossas mãos a possibilidade de um mundo melhor e mais seguro. Uma coisa é certa: temos de continuar a *Olhar o Mundo* se o quisermos compreender.